

DUALIDADE E TRANSCENDÊNCIA¹

DUALITY AND TRANSCENDENCE

Herbert Farias*

“**R**isca-se um relâmpago / frágil bordado no céu / então, trovão.” É esse prelúdio de luz, estrondo e leveza que inaugura o cultivo e a textura de *Femear*, nova criação poética de Silvana Pinheiro. Uma epígrafe entre natural e tecida, pairando sobre a poética da criação do mundo, e o percorrendo pelos muitos matizes da construção bíblica, como se a Babel de muitas vozes se alinhasse ao projeto do criador divino e à profecia da sua ausência, alternadamente louvor e denúncia.

No princípio é a gênese, o gênesis enamorado dos primórdios da terra: *femear*, tomado no conjunto, é o percurso poético de fecundação, semeadura e colheita de *flashes* garantidos pelo relâmpago primordial numa terra prenhe de história

¹ FARIAS, Herbert. Dualidade e transcendência. In: NUNES, Pedro J. (Coord.). *Tertúlia*: livros e autores do Espírito Santo. Vitória: Edição do Autor, -2005. Disponível em: <https://www.tertuliapixaba.com.br/paraler/dualidade_e_transcendencia.html>. Acesso em: 2 maio 2026.

* Escritor.

pautada na narrativa bíblica. Esse empreendimento de deitar na terra o verso demiúrgico se inicia pelos poemas “amena” e “provisão”, cujo predomínio das águas marca o provisionamento cuidadoso da gestação da vida. Em “amena”, a frágil criatura marinha, diáfana, quase invisível, celebra a delicada sobrevivência nesse mundo de verbo e história. E em breve a correnteza condutora de “a água do rio” surge tão inusitada quanto antiga, no movimento antitético de “[...] um novo rio / que é sempre o mesmo”, e que persiste nas águas incessantes de “provisão”: o movimento incansável do riacho, sua natureza transiente, se estende no trajeto simultaneamente misterioso e previsível. É então que surge, nessa natureza pendular e dialética, o homem, com a dura obrigação de sobreviver: o “sonho no olhar do garimpeiro / ...que brota das águas do rio” é a chance remota de riqueza no poema “garimpo, enquanto em “ao vento” essa luta pela vida assume tom mais pragmático, obrigado à persistência, à continuidade do esforço: “grãos caem / sob o leve peso / de sua essência / de serem colhidos / ainda uma outra vez”.

Mas o homem tangido pelo trabalho não se furta à dúvida ao perseguir o pão: os versos de “no meio do caminho” comungam com o cenário das escolhas, mas também com a pluralidade da trilha única, num somatório de experiências que se oferecem ao olhar da opção assumida. Como se pode conferir, Silvana Pinheiro expõe em *Femear* um mundo frequentemente regido pela dualidade. A colheita passada e futura de “respigadeira” é outra amostra dessa poética cindida em jogos de luz e sombra, passado e futuro, natureza e civilização, espera e prazer, entre outros. Não por acaso em “sombra” a luz desenha o ser, que colhe na onipresença o conforto de se saber desvendado.

Femear é assumidamente pautado no paradigma bíblico, mas no poema “de que cor são seus olhos?”, talvez o ponto culminante do livro, quando a autora se ausenta momentaneamente dessa influência, a cor, sensação específica diferenciadora, é signo de paixão, subitamente irmanada à especificidade do desejo segundo Roland Barthes: “Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro

pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo.” Esse objeto da paixão nunca se deixa encobrir pelo tempo: “inda hoje é assim / na pele de cada objeto de desejo desexperimentado, / você me queima, / quando me queima de dia / o mar em corpo é água viva / e se me queima de noite / sua imagem é açoite / incandescente”. Um somatório de desejo em meandros e refrações, a sublimação do prazer postergado, transcrito no mapa do poema, na cartografia aquecida: “meus versos se alimentam / do prazer que adio em você / do sofrer sua distância / do sorver seus olhos / incendiando meus ouvidos / té atingir meu equilíbrio / e nunca a palavra em mim / esteve tão quente”.

O homem que nos versos de “carranca” desafia a incerteza das correntes, num instante sabedor de que é preciso afrontar as emergências, ladeia o menino de “cronicidade”, cujo ajuntamento de areia e conhecimento corre em paralelo com o brinquedo da linguagem: “este instante é seu / é tempo de digitalizar trajetos / o meu é de lhe deixar / não traçar fins / e contemplar seu crescimento / conter meus grãos / sem deixá-los entornar / e atrapalhar o que está / acontecendo / contecendo / tecendo / sendo”. A sina desigual do espírito infantil lamenta, mas insiste em “onde as crianças dormem”, num gesto melancólico e profético da multiplicidade do signo infância sob a deformação do capital. A pena de Silvana Pinheiro ora margeia a narrativa e o discurso bíblicos, ora os situa no centro do próprio verso/verbo. A luz novamente celebrada em “ode ao meu olho esquerdo” surge como efeito da cura pelo agente divino, e essa interpretação é quase inescapável. Mas não é descabido especular que o narrador de *Eclesiastes* inspira de perto a enunciação de “Manga-rosa”, expressão do tempo contado e colecionado na antecipação do gozo, uma idade de desejos e esperas que se compraz na degustação do futuro aguardado, *femeado* com ânsia. A celebração da criação bíblica e da redenção cristã não afasta percalços da cultura, antes denuncia a civilização que fragmentou os homens e seus olhares, na dinâmica fronteira do “muro com paixões” da cidade cindida, onde homens-universo palmilham a experiência da diáspora cotidiana, sonhando com o reencontro malgrado os anseios frustrados, mas recorrentes, da profecia e do desejo que abastecem a esperança.

Se a urbe é seccionada em guetos, o bucolismo é destronado em “luar do sertão”, tão expulso do cenário quanto o autóctone destituído da paz das referências: “parte o ser tão sem frescor / corta a morte para andar autor / e surgir em parques termos / florescer como enxerto”. Logo adiante, “Há tempo pra tudo”, prossegue Silvana, mesmo para a palavra debruçar-se sobre si mesma nessa reverberação explícita de Eclesiastes, ocorrência deliberada do reencontro com o sagrado na palavra meditativa, num cultivo à profecia que se indigna em “Desassossego poético”, repercutindo Provérbios 1:20-33 ao parodiar poeticamente o caminho da sabedoria, tão onipresente quanto negligenciada, lamentando a indignância dos planos humanos, tão pouco afeitos à vida: “[...] lastimo a paralisia que lhes abate / a desgraça que incorpora seus ouvidos / o véu que embaralha seus olhos / o fruto de suas rígidas maquinações [...]”.

Nesse *continuum* profético, a voz poética se embrenha nas redes contemporâneas de tantos enleios e enganos, encontrando a captação de uma transcendência. É “ao deus desconhecido” que convém, segundo esse eu lírico alternadamente devoto e profético, tributar alguma verdade relacional. Deus desconhecido celebrado no pão, no vinho e na água, ícones de conagração em “universos de comunhão”, diversidade de instâncias do acontecimento cristão da revivência. “As imperfeições de Deus”, na sequência, constrói-se nos barroquismos de um sujeito relegado à pequenez da humanidade, buscando inutilmente esquadriñar a vastidão incompreensível do seu criador, constantemente desconcertado com as supostas incongruências do caráter divino. “Lamentações” atualiza a degradação da Jerusalém de Jeremias, fazendo ressurgir na urbe contemporânea o dano e o abandono dos flagelados, pois “há um silêncio berrando / sitiando a cidade / balas achadas ao vento / alvos descêntricos / acertam ruína / destruição”.

Tal presença bíblica reina verso afora ou num enclave, como nos dois últimos versos de “dignidade”. Especularmente, em “diálogo com um amigo de jó”, a inquirição do homem dependente da divindade se torna lúdica nos dois últimos versos: “guerreiro com guerreiro fazem zigue zigue zá”. Nem se trata da

suavização da peleja do homem consigo e com Deus, mas da tradução sumária dessa dialética para o registro lúdico que, no entanto, não desfaz o conflito. Atar o destino dos expatriados modernos aos deserdados de Sião do Salmo 137 é o que faz “canções do exílio”, numa comunicação com a transcendência frequentemente renovada, embora interrompida “na ilha”, ambiente poético de uma solidão quase audível, mas incapaz de fazer cessar a tessitura da rede vital, que dia e noite dribla o vazio, marcando no tempo a resistência.

Se “a mão no tabuleiro” tece a trajetória humana num jogo dialético de negociações (sempre a dualidade), ou numa dança sem encobrimento, sempre renovável, essa vivência no plano da história individual se confessa mais de perto em “Cesto de junco”: o referente dessa saga é um sobrevivente identificado com o Moisés bíblico, personagem errante que se afasta do triunfo da corte e dos cuidados garantidos rumo à identidade no distanciamento. Esse confronto liminar com a identidade é prenúncio de nova história a ser escrita no ocaso da palavra, quando o último verso silencia.

O sujeito poético de “aos seus pés” repercute a mulher que unge publicamente os pés de Jesus com perfumes e entrega, num gesto que não renega a rubrica erótica da cena: “envolvo minhas mãos / em sua pele e plantas / de pés cansados / vai o tempo / acaricio recantos / amacio um canto / um gemido / e a dor de todo o meu pranto / com o sabor de seus pés / sofrimentos”. Esse conúbio entre os ardores da fé e da sensualidade, na voz da mulher que parece, pelo menos nesse instante de entrega e gozo, ter encontrado seu par e seu quê, ecoando *O êxtase de santa Tereza, de Bernini*, contrasta com o último poema de *femear*, “solitude”, de inquietação pela indefinição de papéis entre as contradições da sociedade: um canto de solidão de quem busca referências, o deslugar como subproduto da emancipação: “maria se refez, se refaz / e josé? / josé anda perdido / como se quisesse achar [...] não entendeu / que não há o que achar / há que apenas ser / o que for possível / e as mulheres perguntam [...] se valeu a pena [...] mas se sentem sós [...]”.

Tensionado entre opostos, o verbo de *Femear* se despede do leitor com a breve transição entre semeadura e fenecimento – “uma mulher nasce [...] mas tão logo murcha”. Fiel à sua humanidade, no entanto, a criação de Silvana Pinheiro não acena com o paraíso. Prefere refletir brevemente, em verbo dinâmico e aerado, sobre existência, história e fé, e com os olhos na transcendência, não abandona o chão dos muitos passos.



Print do comentário de Herbert Farias sobre *femear*, de Silvana Pinheiro, no site *Tertúlia*, de Pedro J. Nunes.